

“PRECISAMOS SER COMO CAMALEÕES?”: EXPERIÊNCIA DE UMA PRÁTICA DE ENSINO EM PSICOLOGIA COM UM GRUPO DE IDOSOS

Edivan Gonçalves da Silva Júnior (1); Almira Lins de Medeiros (1); Maria do Carmo Eulálio (2); Elizabeth de Lourdes Bronzeado Krkoska (3)

Universidade Estadual da Paraíba, edivangoncalves.junior@gmail.com; Universidade Estadual da Paraíba, almiralins@uol.com.br; Universidade Estadual da Paraíba, carmitaeulalio.uepb@gmail.com; Universidade Estadual da Paraíba, sapeca@uol.com.br

Resumo: Este trabalho objetiva discutir uma experiência da prática docente em psicologia com idosos participantes do Grupo de Convivência da Universidade Aberta à Maturidade (UAMA), em Campina Grande. Inicialmente foram seguidas as orientações da Resolução 05/2011 que rege a formação de licenciatura em psicologia no Brasil e que estabelece uma variedade de espaços onde é possível pleitear o ensino em Psicologia. O grupo de idosos foi tomado pelo seu contexto específico, consideradas as suas nuances e necessidades pessoais e sociais, com vistas a uma prática implicada na promoção da qualidade de vida dos mesmos, através do compartilhamento de saberes transversais. Foram realizados quatro encontros temáticos com a participação de 46 idosos que frequentam o Centro de Convivência. As atividades foram realizadas nas dependências da UAMA. A prática adotou a metodologia de seminários integralizadores, uma perspectiva pautada no ensino socializado, que se estrutura no diálogo crítico, na multiplicidade de saberes e de ações e na cooperação entre os diferentes atores envolvidos no ato de educar. A partir de uma construção conjunta, em sala com os participantes, foi possível estruturar quatro temas: Vida e subjetividade; Velhice e subjetividade; A importância da vida afetiva; Família e afetividade na contemporaneidade. Os idosos trouxeram exemplos variados do seu cotidiano, na tentativa de apreenderem a dinamicidade que envolve a subjetividade enquanto processo da vida humana. Enquanto falavam da sua percepção sobre a própria velhice, muitos dos idosos compartilharam as suas inquietações no que diz respeito aos imperativos da contemporaneidade que trazem cada vez mais a ideia do descartável, da fugacidade do tempo, da brevidade das coisas e da superavaliação do consumo. Em se tratando dessas inquietações, foi levantada a questão de que se eles precisariam ser como “camaleões”, no sentido de terem que se adaptar constantemente em relação às mudanças cada vez mais velozes e imperiosas vivenciadas no tempo presente. A temática da afetividade possibilitou muitas trocas entre os participantes, trocas afetivas e de aspectos da sua vida familiar, de como eles compreendem e buscam consolidar os laços afetivos entre os seus pares. Os encontros foram propícios ao compartilhamento de conteúdos tratados no campo da Psicologia e os idosos mostraram-se satisfeitos com a oportunidade de tratarem de questões do seu contexto de vida, assimilando-as às problemáticas vividas na contemporaneidade. Deve-se privilegiar o uso de metodologias participativas na prática educativa com idosos, uma alternativa de incluir de forma salutar os atores que já trazem consigo importantes conhecimentos e experiências acumulados ao longo da vida.

Palavras-chave: velhice, idosos, metodologias participativas, ensino em psicologia.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto da experiência de estágio docente em Psicologia, exercício necessário para o cumprimento da grade curricular de licenciatura em Psicologia da Universidade Estadual da

Paraíba – UEPB. Para o desenvolvimento da prática aqui descrita foram respeitadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, estabelecidas pela Resolução N° 5, de 15 de março de 2011 (BRASIL, 2011) que rege a formação de professores em Psicologia.

A referida Resolução prevê o ensino da Psicologia atrelado ao desenvolvimento de competências para a construção e o crescimento científico da área, através da convergência entre conhecimentos e práticas produzidos na atuação profissional, na pesquisa e no ensino em Psicologia. No tocante à diversidade de campos com os quais o ensino em Psicologia pode dialogar, utilizou-se como ponto de partida a seguinte proposição: “atuação em diferentes contextos, considerando as necessidades sociais e os direitos humanos, tendo em vista a promoção da qualidade de vida dos indivíduos, grupos, organizações e comunidades” (BRASIL, 2011, p.1).

A realização do estágio se deu junto aos idosos que participam do Grupo de Convivência da Universidade Aberta à Maturidade (UAMA), da UEPB. A UAMA tem a finalidade de atender à demanda educativa de idosos, com o objetivo de contribuir com a melhoria de capacidades pessoais, funcionais e sociais, através da proposição de atividades sociais, culturais e educacionais voltados à promoção da qualidade de vida. O Grupo de Convivência é composto por idosos egressos das turmas de aula da UAMA e que mantém participação nos cursos e atividades integrativas oferecidas pela universidade (COORDENADORIA INSTITUCIONAL ESPECIAL PARA A FORMAÇÃO ABERTA À MATURIDADE, [CIEFAM] s.d.).

A UAMA integra atualmente o campo das Universidades Abertas à Terceira Idade (UnATIs) e igualmente possui o potencial de promover espaços de escuta às narrativas dos idosos, de modo a admitir, no processo de ensino e aprendizagem, o protagonismo das pessoas mais velhas que galgam com possibilidades de ressignificação das suas experiências de vida, como possibilidades de elaboração de um lugar para a velhice, ilustradas a partir das suas memórias (LOLLI M; LOLLI L; MAIO, 2014) e das suas ações presentes e futuras. De acordo com Cachioni (2003), as UnATIs passaram a constituir um importante espaço de educação para os idosos, com vistas a “incrementar os saberes práticos, o saber fazer, o aprender e seguir aprendendo” (p. 46).

As aulas foram estruturadas para serem desenvolvidas segundo a proposta de seminários integralizadores, uma metodologia pautada no ensino socializado, no oferecimento de espaços de escuta e de diálogos entre os pares, na interação e influência recíproca entre os participantes do processo de ensino (VEIGA, 2011). Nesse sentido, a prática de seminários integralizadores está baseada em Freire (1996), quando este explica que “a prática docente, implica o pensar, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (p. 22). Nesse sentido,

considera-se o respeito aos saberes socialmente construídos, a autonomia e a identidade dos educandos e dos educadores.

Em se tratando ainda da prática educativa com idosos, buscou-se desenvolver uma metodologia de ensino adaptada às demandas e necessidades educacionais em consideração às nuances que se apresentam no contexto da velhice. Hayflick (1996) apresenta algumas especificidades presentes no processo educativo em idosos, são elas: lentidão nas respostas aos estímulos; acentuação de dificuldades para manter a atenção, guardar e processar informações, interpretar e codificar determinados discursos. Cabe salientar, segundo o mesmo autor, que os idosos mantêm o seu potencial enquanto capacidade de aprendizagem, que pode ser facilitado pela associação com conhecimentos prévios, adquiridos ao longo da vida.

A prática aqui descrita privilegiou a discussão sobre a subjetividade humana, tratada, principalmente, como objeto caro à ciência psicológica, em que as várias Psicologias se encontram ao abordarem de diferentes maneiras (teóricas e metodológicas) o tema da Subjetividade (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001). Dito isso, o presente trabalho objetiva discutir uma experiência da prática docente em psicologia com idosos participantes do Grupo de Convivência da Universidade Aberta à Maturidade (UAMA).

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Caracterização do campo de estágio

A prática docente foi realizada junto ao programa da Universidade Aberta à Maturidade (UAMA) da Universidade Estadual da Paraíba em Campina Grande-PB. A instituição conta com um amplo espaço para o desenvolvimento de atividades com o grupo de idosos e com recursos de mídia que auxiliam na realização das atividades propostas. Além de contar com turmas que participam de uma formação estruturada em quatro semestres, a UAMA criou o Grupo de Convivência destinado aos alunos egressos que se configura como uma alternativa para dar continuidade aos benefícios por eles obtidos ao longo da formação.

Participantes

Participaram 46 alunos que integram o Grupo de Convivência da UAMA. Atualmente o Grupo de Convivência conta com mais de 200 alunos que participam dos cursos e das atividades propostas pela UAMA, segundo seus interesses e disponibilidade.

Ações programáticas de ensino

A atividade de prática docente foi estruturada a partir do desenvolvimento de seminários integralizadores com o grupo de participantes, pautados essencialmente nos pressupostos do ensino socializado. Entre os objetivos do seminário é possível citar, de acordo com Veiga (2011, p. 115):

- (1) Investigar um problema, um ou mais temas sob diferentes perspectivas, tendo em vista alcançar profundidade de compreensão;
- (2) Analisar criticamente fenômenos observados;
- (3) Propor alternativas para resolver as questões levantadas;
- (4) Trabalhar em sala de aula de maneira cooperativa;
- (5) Instaurar o diálogo crítico sobre um ou mais temas, tentando desvendá-los, ver as razões pelas quais eles são como são, o contexto político e histórico em que se inserem.

Foram utilizados textos e recursos de mídia como músicas e exposição de slides. Os seminários foram estruturados com o auxílio de técnicas de dinâmica de grupo, com vistas a estimular processos de autoconhecimento e de maior interação entre os participantes. Assim, a partir da promoção de ações e de reflexões no contexto grupal, buscou-se também contribuir com a confluência entre a teoria e prática.

Usar informação e reflexão, trabalhar os significados e as vivências relacionadas aos temas, de modo que não apenas o projeto pedagógico fosse executado, mas que envolvesse um contexto de construção de conhecimentos para a formação da licenciatura em psicologia, tornaram-se os condutores das ações propostas.

Procedimentos

Inicialmente, a proposta da prática pedagógica através de seminários foi apresentada ao coordenador e a uma técnica administrativa da UAMA que prontamente aceitaram e se dispuseram a contribuir com a sua realização. Posteriormente a esse contato, foi feito o convite aos idosos para participarem dos seminários integralizadores.

Os seminários foram realizados através de quatro encontros, com duração aproximada de duas horas. No meio dos encontros era feito um breve intervalo de 20 minutos em que era realizado um lanche coletivo com os participantes. As temáticas abordadas seguiram a dinâmica do grupo e foram sendo escolhidas e discutidas conforme necessidades percebidas e trazidas pelos participantes.

As atividades foram supervisionadas pela professora responsável pelo componente curricular de estágio docente em Psicologia, por uma professora do departamento de educação que anteriormente havia ministrado aulas com a turma escolhida para o campo de estágio e por mais

uma professora lotada no departamento de psicologia que igualmente havia ministrado aulas com essa mesma turma e que possui vasta experiência no ensino, pesquisa e extensão no campo do envelhecimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: REFLEXÕES SOBRE AS AÇÕES DESENVOLVIDAS EM CAMPO

A seguir são tecidas discussões sobre os resultados obtidos com a realização dos seminários. Os resultados são produtos das impressões colhidas pelo estagiário durante as atividades propostas e das supervisões de suas atividades. Derivam também de comentários feitos por participantes em resposta aos debates propostos em sala e que eram transmitidos nos espaços informais, nos pequenos grupos de reflexão e de conversas que resultavam das atividades propostas.

Vida e subjetividade

Este seminário resultou inicialmente num ponto de reencontro, em que os idosos estavam retomando suas atividades na UAMA. Dessa forma, durante os primeiros minutos os participantes trocaram muitos abraços, num clima de muita afetividade. Este pareceu um momento propício para explicar ao grupo os objetivos da prática pedagógica que seria desenvolvida a partir daquele momento.

Foi discutido inicialmente com o grupo que o ponto de partida das discussões seria a temática da subjetividade, e, a partir disso, seriam tratadas outras questões conforme a necessidade dos participantes. Nesse momento, enfatizou-se que este se tratava de um assunto caro à Psicologia, tendo em vista que, em meio à diversidade de repartições das chamadas “Psicologias”, a subjetividade consegue fazer unidade, ou seja, compreende um assunto comum que atravessa as diferentes perspectivas teóricas e metodológicas da Psicologia (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001). A partir desta introdução, os participantes questionaram um pouco sobre a diversidade que compreende o campo da Psicologia e falaram um pouco do que superficialmente compreendiam acerca dessa diversidade.

Questionados sobre o que compreendiam acerca da temática da subjetividade, os idosos relataram que essa não era uma palavra distante da sua realidade, porém, o seu conceito não era algo claro e resultava num uso inconsistente do termo. O termo muitas vezes era utilizado sem eles mesmos pensarem sobre o sentido que porta a subjetividade. A partir disso, as discussões e reflexões foram orientadas de modo a tratar a subjetividade como algo que não é tão abstrato em

suas vidas, que ela se expressa de forma prática no seu contexto de vida e que se revela nas suas escolhas, atitudes e valores (compartilhados socialmente e construídos também de forma singular).

Em seguida, os participantes foram divididos em trios e receberam trechos do poema “Quem sou eu?”, de Pedro Bandeira, que foi dividido entre as cinco estrofes que o compõe. Após discussão em trios, a turma formou cinco subgrupos onde puderam discutir um pouco mais sobre o conteúdo da estrofe. A separação em grupos permitiu que grande parte dos participantes pudesse falar um pouco da sua impressão sobre os versos lidos e compartilhar, entre os pares, o que puderam apreender sobre a sua leitura. Logo após as discussões dentro dos trios e dos subgrupos, todos foram convidados a dividirem um pouco das suas percepções sobre o conteúdo das estrofes e junto a isso foi sendo feita a conexão com a temática da subjetividade.

Os idosos mostraram-se empolgados com o que encontraram nas estrofes e conseguiram falar abertamente sobre suas compreensões acerca do que era tratado nos versos. Vieram à tona breves relatos sobre alguns eventos que faziam os idosos lembrarem e conectarem os assuntos relacionados aos seus contextos de vida.

Manita (2001), por seu turno, explica que é através da linguagem que o sujeito constrói intencionalmente a sua experiência, com a possibilidade de culminar na criação de narrativas que expressam histórias de vida. Partem daí sentimentos, concepções e significados sobre a própria existência (BRANDÃO et al., 2005).

Esse, portanto, foi um encontro propício para o levantamento de reflexões acerca da dinamicidade que atravessa a subjetividade humana, assim como foi importante para se pensar sobre os processos de elaboração da subjetividade que resultam em modos de constituição dos sujeitos, mediante a interação com aspectos históricos, sociais e culturais.

Velhice e subjetividade

O segundo encontro teve continuidade com o tema da subjetividade em reconhecimento à amplitude de discussões que poderiam advir de tal assunto. Atrelada a essa temática, tratou-se de inserir a problemática da velhice como forma de traçar reflexões sobre aspectos da vida presente dos participantes e sobre suas concepções acerca dos processos de construção da subjetividade que se dão nessa fase da vida.

Para introduzir a temática, foram distribuídos ao grupo três recortes de pensamentos de autores consagrados na literatura (Mário Quintana – *Brinquedos de crianças*, Rubem Alves – *As cores do crepúsculo: a estética do envelhecer*, Victor Hugo – *Desejo*) que versam sobre a velhice de modo bastante particular. Os versos foram escolhidos por se tratarem de uma visão íntima sobre a



experiência da velhice, se apresentaram como um estímulo para a produção da discussão em grupo e serviram como ponto de partida para que a temática da velhice pudesse ser amparada pelas discussões sobre a subjetividade.

Foi interessante observar no grupo a reação aos versos que foram compartilhados. Enquanto se dividiam em pequenos subgrupos, cada um pode dar um sentido ao poucos versos escritos pelos autores. Ao passo que compartilharam um pouco das suas compreensões sobre o que leram, os idosos chegaram a falar e a expressar os seus sentimentos. Eles puderam falar do “ser velho”, dos seus medos e das virtudes em poder se identificar como velho.

No trato das questões relativas ao ser velho e da subjetividade, discutiu-se muito em grupo sobre os imperativos que a contemporaneidade impõe aos idosos. Vivenciada na realidade prática do seu cotidiano, os participantes falaram da preocupação de muitas vezes sentirem-se perdidos diante das cobranças que eles impõem a si mesmos, na tentativa de se adequarem à lógica da pós-modernidade (ideais capitalistas, principalmente). A ideia do consumo, da brevidade das coisas, da fugacidade do tempo, foram questões bastante discutidas nos subgrupos. Enquanto dividiam tais sentimentos, os idosos alertavam para a necessidade de poder “tocar a vida” de forma mais livre, aproveitando os “sabores” (termo utilizado por duas das participantes em sala) que a velhice apresenta. Assim, foi discutida a necessidade que muitos sentem de poderem dar um lugar a sua velhice, a sua experiência com o “real” da velhice que não pode simplesmente ser velada e descartada diante dos discursos que supervalorizam um “bem-estar” para todos.

No tocante às inquietações compartilhadas pelos participantes, Motta (2006) esclarece que a experiência do sujeito com o envelhecimento é atravessada pelo discurso social que privilegia o corpo jovem, e remete o corpo velho à visão de senilidade, perdas e proximidade da morte. Também reflete numa experiência singular do sujeito com a ideia da passagem do tempo, um evento que provoca efeitos na subjetividade, nas suas formas de ser no mundo (GOLDFARB, 2009). Trata-se de uma experiência simbólica, e, conseqüentemente, cultural, investida de uma representação corporal e ideacional que se expressa muitas vezes como unidade classificatória, que regulamenta a participação social (MOTTA, 2006). Portanto, faz-se necessário o espaço de elaboração das subjetividades que contém em si os traços da história e do contexto de vida do sujeito, como possibilidade de construção de uma nova subjetividade, a de “ser velho”.

Uma participante mostrou-se bastante preocupada quando questionou se eles, enquanto idosos, precisariam ser como “camaleões”, no sentido que ela atribui a ter que se adaptar constantemente em vista das mudanças que chegam cada vez mais velozes e imperiosas no tempo





presente. Esse foi um questionamento bastante pertinente aos temas tratados nos seminários em que foi oferecida a oportunidade para o grupo se questionar a respeito de tal problematização e a partir disso que pudessem pensar na validade e na importância de ter trocado ou mesmo perdido, em certa medida, características que são caras na construção da sua subjetividade. Muitos falaram que sentem a necessidade de se adequar a certas situações, porém, em muitos momentos relatam a vontade de permanecerem com suas atitudes e valores.

A partir de tais posicionamentos, os participantes revelam o seu lugar enquanto atores sociais e, por conseguinte, devem assumir as suas escolhas e fazê-las de forma consciente, levando-se em consideração aspectos da sua história assim como de todo um contexto social, cultural, político e econômico em que vivem. Assim, conforme arrazoado por Correa e Justo (2010), a elaboração de um lugar para a velhice deve se dar de forma a privilegiar a criação de espaços em que os idosos sejam atores participativos da construção da história e dos aspectos do seu cotidiano. A educação pode ser considerada um espaço em potencial para o desenvolvimento de tais competências. Trata-se de um ato político, de questionamento do papel e do lugar da velhice na sociedade contemporânea. Logo, deve-se pensar em formas de expressão que privilegiem o protagonismo dos idosos na sociedade.

A importância da vida afetiva

A escolha da temática sobre a afetividade se deu a pedido dos idosos, que discorreram sobre o seu desejo em poder estudar um pouco sobre a vida afetiva, partindo mesmo de questões sobre a sua vida pessoal, em que julgavam ser necessário parar para refletir um pouco acerca de tais assuntos. Nessa oportunidade, buscou-se novamente compartilhar alguns conceitos básicos que estão atrelados ao estudo da vida afetiva nos domínios da psicologia.

Tal escolha sinaliza que educar não é uma tarefa fácil, nunca foi fácil. Ela requer a junção de um conjunto de competências e habilidades que vão desde a sensibilidade por tocar em aspectos íntimos da vida de educandos e educadores (em que estão envolvidas as esferas subjetivas e afetivas), até chegar aos processos mais objetivos que requerem disponibilidade de recursos práticos de vida, bem como motivação, desempenho cognitivo e sensório-motor, por exemplo (IMBERNÓN, 2009).

A temática da afetividade foi introduzida a partir de um exercício de sensibilização do grupo. Para tanto, após as boas vindas ao grupo e revisão do tema tratado nos encontros anteriores, seguiu-se com a apresentação da música “Caçador de mim”, de autoria de Sérgio Magrão,



eternizada na voz de Milton Nascimento. Inicialmente todos escutaram a música, buscando sentir e apreender um pouco a mensagem que ela porta. Posteriormente cada participante recebeu a letra da música e juntos acompanhamos a sua melodia. O momento mostrou-se oportuno para que os idosos falassem um pouco do que eles esperavam a respeito de uma aula sobre a vida afetiva. Alguns relataram que no dia-a-dia não conseguem parar direito para escutar as melodias e buscar sentir um momento de maior tranquilidade em que pudessem relaxar e buscar os sentidos das coisas que eles gostam. Alguns fizeram conexões interessantes sobre o conteúdo da música com os temas da subjetividade e da afetividade.

Após essa introdução, o grupo mostrou-se mais dinâmico e estimulado a discutir o tema da afetividade. Foi lançada a questão no grupo sobre como cada um lida com a sua vida afetiva, alguns comentaram a dificuldade que possuem para expressarem seus sentimentos (bons e ruins, segundo seu julgamento), outros explicaram como a UAMA foi importante para facilitar novas formas de expressão e para despertar o desejo em manter um grupo de amigos mais extenso, que desse a oportunidade de dividir suas questões pessoais em busca de um suporte às suas necessidades.

Em continuidade a isso, a temática da afetividade foi trabalhada principalmente sob as formas de expressão dos sentimentos. Discutiu-se bastante como a afetividade pode contribuir para estender as relações sociais como também, ao mesmo tempo, pode influenciar no estreitamento das relações com os outros. Em se tratando da vida afetiva, muitos falaram dos problemas que advém das privações das expressões de afeto. Falaram sobre as imposições da sociedade que dificultam algumas formas de expressão da afetividade para os diferentes grupos sociais dos quais foi destaque as imposições aos idosos.

Em se tratando do que os idosos podem relatar a respeito de sua história de vida e das inquietações que daí emergem, Bosi (1994) defende que:

A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada a nostalgia, revolta, designação pelo desfiguramento de paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual (p. 41).

Esse foi um espaço de muita interação, de troca de saberes, em que foi possível ao grupo compartilhar experiências de vida, como forma de exemplificar os conteúdos tratados em sala.

Num terceiro momento, os idosos foram convidados a participar de uma dinâmica de grupo cujo objetivo era promover o contato e a expressão afetiva. No ensejo das atividades propostas com a dinâmica foram destacados aspectos variados da vida afetiva sob a prerrogativa de falar sobre o

desejo, através do questionamento lançado ao grupo “O desejo tem idade?”. Amparados nesse questionamento muitos relataram de forma descontraída sobre o desejo como vontade de ser feliz, de amar (amor erótico), de continuar conquistando coisas em suas vidas, de desfrutar do amor dos seus amigos e familiares. Em meio à troca de sentimentos despertados nas atividades em sala, uma participante relatou “Eu me senti acolhida com muito amor”, outra afirmou “Eu flutuei, não andei. Precisava voar hoje, e voei”. Alguns relataram como foi bom sentir o toque do outro.

Família e afetividade na contemporaneidade

O encontro se constituiu como uma oportunidade para os idosos falarem sobre os modos em que se dão as relações na sua família. Os conteúdos foram estruturados para exemplificar a forma com que a afetividade atualmente organiza as famílias, através da definição de papéis e da configuração dos modos de relação no seio familiar.

Sabe-se que, em nossa cultura, a função da transmissão psíquica é preferencialmente exercida pela família. Desse modo, a transmissão intersubjetiva que esse grupo desenvolve é, sobremaneira, responsável por fomentar vínculos e, ao mesmo tempo, promover a separação e individuação para que cada história de vida seja singularizada e, concomitantemente, inserida na cultura, na comunidade e na sociedade (GOLDFARB; LOPES, 2009).

O grupo, então, relatou com bastante propriedade as experiências advindas de suas relações familiares, comparando as formas de relação que se davam nas suas famílias de origem com as famílias que hoje seus filhos e netos vieram a estruturar. Por meio da pontuação dessas diferenças e especificidades, cada um falou do que hoje percebe se tratar de uma relação mais saudável (como maior demonstração de afetos), enquanto também falavam de aspectos que entendem como negativos na atualidade, a exemplo da perda da autoridade dos pais sobre os filhos.

Muitos discutiram que a afetividade é uma das bases fundamentais para a formação das famílias e que sua expressão permite que os laços sejam solidificados quando há solidariedade, respeito, amor e compreensão. As dificuldades foram citadas como inerentes a qualquer grupo familiar e que são justamente os bons sentimentos que ajudam a superar os conflitos vivenciados.

Observa-se que os diálogos e apontamentos dos idosos revelam que atualmente a união de pessoas numa família, marcada cada vez mais por interesses diversos e contraditórios, se dá exclusivamente através de laços afetivos que são regidos por princípios de liberdade e responsabilidade. Assim, o sistema de autoridade e de obrigação caiu para um segundo plano e não mais vigora quando se pensa na estruturação das famílias na contemporaneidade. Nesse contexto de novas e diversificadas configurações, os sujeitos são cada vez mais convocados a pensar no valor do

legado geracional, de modo que seus conteúdos devem ser repensados e ressignificados (GOLDFARB; LOPES, 2009).

A apresentação de novas configurações de famílias (família nuclear, monoparental, homoparental, recomposta e pluriparental) foi uma maneira de exemplificar como a dimensão afetiva atualmente tem sido colocada como tema central na formação das famílias, ultrapassando e contrariando as convenções sociais que anteriormente apresentavam uma definição rígida de família, a partir do modelo heteronormativo e patriarcal. A apresentação gerou muitos debates no grupo. Alguns relatavam que não conseguiam compreender o porquê desses novos grupos constituírem família, enquanto muitos dos participantes, a grande maioria, afirmaram que o que contava nesses grupos era, de fato, a existência e expressão do afeto.

O grupo relatou que a afetividade é um tema bastante envolvente, difícil e muito complexo, porém, disseram que era algo muito “gostoso” de ser estudado porque é um assunto que guarda íntima relação com seu contexto de vida, com o que acontece no seu dia-a-dia, com assuntos que eles escutam diariamente sem ter, muitas vezes, a oportunidade de discutir, nem mesmo parar para refletir sobre os seus pontos de vista.

Ao final da aula foi colocada uma música a pedido de uma das participantes. A música é uma importante memória que ela e o esposo guardam do seu filho, já falecido. Todos foram convidados a ficar à vontade para sentirem a música e expressá-la da forma que quisessem. Ao som da música “Volare” o grupo se despediu, dançando e curtindo o momento em que nomearam de “dança dos afetos”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da prática docente mostrou-se como um importante espaço de compartilhamento de saberes da Psicologia em contato com o grupo de idosos. A partir das interações promovidas em sala foi possível criar uma atmosfera de livre compartilhamento de experiências que foram essenciais para a ilustração e apreensão dos temas tratados nos seminários.

A aquisição de novos conhecimentos foi algo relatado com estima pelos idosos, em que foi debatida a importância da participação em grupos visando à discussão de assuntos contemporâneos e a rememoração de suas histórias de vida, apontando para as possibilidades de ressignificação e atribuição de sentidos às suas experiências de vida.

Discute-se, a partir da prática aqui desenvolvida, que a educação se apresenta como um processo viável para a problematização, reflexão e possível elaboração das formas de ser do sujeito

idoso, em que se discute e estimula-se a sua inserção nos diferentes espaços na sociedade. Convém esclarecer que o sujeito tem um saber que lhe é próprio e que ao mesmo tempo é fruto das relações que estabelece com seus pares, no mundo em que vive. Todavia, a realidade que o sujeito consegue construir a partir de suas experiências singulares pode ser acolhida e trabalhada com possibilidades de novas invenções, com a criação de novas saídas, apontando para o desejo como motor na busca de novos conhecimentos e de novas oportunidades na vida.

REFERÊNCIAS

- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Editora Saraiva, 2001.
- BOSI, E. **Memórias e sociedade**: lembrança de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, L. et al. Narrativas intergeracionais. **Psicologia Reflexão e Crítica**. v.19, n.1, p. 98-105, 2005.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação (CNE). **Resolução Nº 5, de 15 de março de 2011**. Ministério da Educação. Diário Oficial da União, Brasília, 2011. Retirado de: <http://www.portal.mec.gov.br> Acesso em fevereiro de 2014.
- CACHIONI, M. **Quem educa os idosos?** Um estudo sobre professores de Universidades da Terceira Idade. Campinas: Editora Alínea, 2003.
- COORDENADORIA INSTITUCIONAL ESPECIAL PARA A FORMAÇÃO ABERTA À MATURIDADE. CIEFAM. **Sobre a UAMA**. Disponível em: <http://coordenadorias.uepb.edu.br/ciefam/>. Acesso em: 19 de outubro. 2016.
- CORREA, M. R.; JUSTO, J. S. Oficinas de psicologia: memória e experiência narrativa com idosos. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 1, n. 2, p. 249-256, 2010.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOLDFARB, D. C. Memórias e temporalidades: construindo histórias. In: CÔRTE, B.; GOLDFARB, D. C.; LOPES, R. G. C. (Org.). **Psicogerontologia**: fundamentos e práticas. Curitiba: Juruá, 2009. p. 95-101.
- GOLDFARB, D. C.; LOPES, R. G. C. Avosidade: a família e a transmissão psíquica entre gerações. In: CÔRTE, B.; GOLDFARB, D. C.; LOPES, R. G. C. (Org.). **Psicogerontologia**: fundamentos e práticas. Curitiba: Juruá, 2009. p. 139-164.
- HAYFLICK, L. **Como e por que envelhecemos**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1996.
- IMBERNÓN, F. **Formação permanente do professorado**: novas tendências. São Paulo: Cortez, 2009.
- LOLLI, M. C. G. S.; LOLLI, L. F.; MAIO, E. R. Universidade aberta à terceira idade: uma tentativa de emancipação. **Revista LABOR**, v. 1, n. 12, p. 131-151, 2014.
- MANITA, C. Evolução das significações em trajetórias de droga-crime (II): novos sentidos para a intervenção psicológica com toxicodependentes. **Toxicodependências**, v. 7, n. 3, p. 59-72, 2001.
- MOTTA, A. B. Visão antropológica do envelhecimento. In: FREITAS, E. V. et al. (Org.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 78-82.
- VEIGA, I.P.A. (org) **Técnicas de ensino**: por que não?. Campinas, SP: Papiros, 2011.